



IDIOT PROOF

Pierluigi Piazzi

Regredimos 4.000 anos reinventando os hieróglifos

Uma das cenas mais hilariantes às quais assisti no cinema foi num dos filmes de Star Trek. A nave Enterprise, comandada pelo capitão Kirk, viaja no tempo, do século XXIII ao XX, para resgatar um casal de baleias. O engenheiro-chefe da Enterprise, o sr. Scott, senta-se à frente de um micro da nossa época (se não me engano um Macintosh) e para iniciar sua operação simplesmente chama: "COMPUTER!". Como o micro permanece mudo, o dr. McCoy aponta para o mouse. Scott não tem dúvidas, leva o mouse aos lábios como se fosse um microfone e novamente chama: "COMPUTER!". Finalmente se convence a usar o teclado, e o faz com uma habilidade, no mínimo, suspeita.

Além de rir com a piada, fiquei pensativo com relação ao final, vendo Scott operar tão brilhantemente uma máquina do passado. Na realidade me pergunto: será que os nossos descendentes, desfrutando de uma tecnologia superior, terão mentes superiores?

Infelizmente, acho que a resposta é um NÃO. Estamos caminhando a passos largos para um processo de imbecilização coletiva que, a curto prazo, fará com que a inteligência humana seja uma mercadoria mais escassa que o irídio.

Em nome do progresso, do avanço tecnológico, estamos exigindo cada vez menos de nossas mentes, estamos atrofiando a capacidade de pensar, concatenar, criticar, em suma, estamos comendo tanta papa pronta que vamos perder os dentes.

Basta ver a evolução das interfaces com o usuário nos microcomputadores: a primeira vez que vi alguém operando o Windows, por exemplo, fiquei estarecido. Olhei para aquilo e pensei: "Meu Deus! Regredimos 4.000 anos: acabamos de reinventar os hieróglifos!".

No filme, Scott volta três séculos e consegue operar um micro atual. Quantos seriam hoje capazes de voltar apenas 20

anos e, não digo operar, mas pelo menos explicar o princípio de funcionamento de uma simples régua de cálculo?

A grande falácia consiste justamente em se confundir progresso tecnológico com evolução mental. Quantos e quantos usuários de micros já encontrei que encaram suas máquinas como uma espécie de prótese cerebral! Orgulhosamente exibem o 486 que acabam de comprar, quando ainda não utilizaram nem 5% das possibilidades de seu velho XT.

Ao invés das pessoas tentarem evoluir intelectualmente, ou exigir que a escola faça isso com seus filhos, contentam-se em simular uma inteligência que jamais terão, pois substituem pontos de QI por megabytes de disco rígido.

Permite que seus filhos se transformem em dementes, passando horas à frente da TV e de videogames, e não tentam seduzi-los com um livro gostoso. Aliás nem poderiam, afinal nem elas próprias lêem. E quando o fazem, o que vão ler? Um livro do Paulo Coelho, a prova irrefutável de que minha tese sobre imbecilização coletiva é mais do que válida!

O excesso de facilidades, de programas "user friendly" ou, melhor dizendo, "idiot proof", me lembram a famosa frase do Millôr Fernandes: "Toda vez que projetamos algo que pode ser usado até por um idiota, provavelmente só será usado por idiotas!".

Talvez a saída seja acelerar os estudos sobre Inteligência Artificial porque a Natural, pelo jeito, vai muito mal.

Se o rumo for esse, no século XXIII teremos a bordo da Enterprise um computador super-inteligente gerenciando tudo.

E no lugar do capitão Kirk, do dr. McCoy e do sr. Spock... os três patetas!



Quantos usuários de micros encaram suas máquinas como uma espécie de prótese cerebral!

Pierluigi Piazzi é Diretor Editorial da Aleph, professor de Física no Colégio Anglo, e de Teoria Geral dos Sistemas e Cibernética na PUC-SP.